

# O IMAGINÁRIO URBANO E A FOTOGRAFIA: A MODERNIDADE E A RUÍNA DO BAIRRO DA RIBEIRA

Anna Gabriella de Souza Cordeiro<sup>1</sup>

Maria Inês Sucupira Stamatto<sup>2</sup>

Artigo recebido em: 03/03/2017

Artigo aceito em: 03/07/2017

## RESUMO:

Este artigo tem por objetivo reconhecer as rupturas existentes na continuidade histórica do bairro da Ribeira, a partir do estudo das fotografias que compõem o imaginário urbano da cidade de Natal, no início do século XX e no início do século XXI. Entende-se o imaginário com base na perspectiva da nova história cultural, representada pelo pensamento de Patlagean e Le Goff. Para auxiliar na análise do imaginário, encontrou-se apoio na semiologia e no materialismo histórico dialético. Para delimitar a pesquisa, foram escolhidas fotografias de quatro edifícios, nos dois períodos estudados. Concluiu-se que, ao estudar as fotografias do bairro da Ribeira nos momentos distintos, é possível observar as dinâmicas processadas no espaço onde o foco que outrora foi à modernidade, hoje é a ruína.

## PALAVRAS-CHAVE:

Imaginário Urbano; Fotografia; Ribeira; Natal.

## RÉSUMÉ :

Cet article vise à identifier les ruptures dans la continuité historique du quartier de la

---

<sup>1</sup> Historiadora, doutoranda em Educação - PPGED/UFRN, mestre em História e Espaços – PPGH/UFRN. Faz parte do Grupo de Pesquisa LaURBE – Laboratório de Estudos da Cidade, Urbanismo e Território. CV: <http://lattes.cnpq.br/8100219119745060>

<sup>2</sup> Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, da UFRN. É graduada e licenciada em História (URFGS), mestre em Ciência Política (URFGS), doutora em História (Sorbonne), pós-doutora em Educação pela Université de Québec à Montreal - UQAM/Canadá. É vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero/diretório do CNPq, é coordenadora dos projetos de pesquisa: Livro Didático: História do ensino de História no Brasil (1808-2008) e A Lei e a Escola: uma história da escola no Brasil (1808-2008). CV: <http://lattes.cnpq.br/7289548301555477>

Ribeira, à partir de l'étude des photographies qui composent l'imaginaire urbain de Natal, au début du XXe siècle et au début du XXIe siècle. L'imaginaire est entendu du point de vue de la nouvelle histoire culturelle, représentée par la pensée de Patlagean et de Le Goff. Pour aider à l'analyse de l'imaginaire, on se retrouvés soutien dans la sémiologie et le matérialisme historique dialectique. Pour délimiter la recherche, photographies de les quatre bâtiments ont été choisis, dans les deux périodes. On se conclure que, l'étude de les photographies du quartier de la Ribeira en différents moments, vous pouvez voir la dynamique traitée dans l'espace où l'accent a été mis une fois la modernité d'aujourd'hui est la ruine.

### **MOTS-CLES:**

Imaginaire urbain; Photographie; Ribeira; Natal.

\* \* \*

## **INTRODUÇÃO**

O surgimento das cidades está atrelado ao surgimento das civilizações, de modo que estas são resultantes da relação dicotômica entre o homem e o espaço, através da ação, da interação e do pensamento. As implicações da natureza instável do homem se refletem nas dinâmicas processadas no meio urbano através do tempo, resultando em continuidades e rupturas históricas. Deste modo, tem-se por objetivo reconhecer as rupturas existentes na continuidade histórica do bairro da Ribeira, a partir do estudo das fotografias do início do século XX e do início do século XXI, que compõe o imaginário urbano da cidade de Natal. A percepção dos dois períodos trabalhados opõe-se. No primeiro momento, o bairro da Ribeira figurava como espaço moderno, no segundo, foi caracterizado como ruína.

Como as fotografias são inerentes ao imaginário da cidade, no primeiro tópico buscou-se conceituar o imaginário a partir da perspectiva da nova história cultural. Uma vez que este estudo consiste em perceber como a fotografia contém uma fração do imaginário de um determinado período e recorte urbano. Assim, a imagem é capaz de

possibilitar a observação das transformações ocorridas na cidade e suas representações em épocas distintas.

Por conseguinte, foi elaborada uma síntese da história do bairro da Ribeira, com base na bibliografia correlata, com o intuito de compreender como o valorizado centro urbano tornou-se um bairro em ruínas. Dando-se ênfase aos aspectos simbólicos, econômicos e culturais.

Por fim, foram analisadas as fotografias de quatro edifícios representativos do bairro da Ribeira em dois períodos distintos, no início do século XX e no início do século XXI. Para limitar a pesquisa foram escolhidos os edifícios que seriam reformados em caráter prioritário pelo Projeto ReHabitatar, de modo que as fotografias contemporâneas se encontram no corpo desde Projeto e as fotografias do início do século XX integram o acervo pessoal da autora. Para auxiliar na análise do imaginário, encontrou-se apoio na semiologia e no materialismo histórico dialético.

## **O IMAGINÁRIO URBANO**

Nesta pesquisa, o imaginário será considerado como um universo que abrange a produção e a circulação de imagens mentais e verbais, que incorporam sistemas simbólicos e atuam na construção das representações. De acordo com Evelyne Patlagean, “[...] cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário” (1990, p. 291). Figurando o imaginário como sendo o campo da experiência humana, onde o fundem-se os âmbitos mentais, culturais e sociais.

Conforme apontou o historiador francês Jacques Le Goff, “Para tentar compreender como funciona uma sociedade e – tarefa que sempre foi do historiador – como ela muda e se transforma, é necessário encarar o aspecto do imaginário” (1980, p.

15-16). O autor entende os fatos históricos enquanto representações, que são os fenômenos constitutivos do imaginário social. Assim, a história do imaginário trata-se “de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam” (LE GOFF, 2013, p. 10).

A história do imaginário permite o tratamento de diversos tipos de fontes enquanto documentos históricos, sendo estas capazes de fornecer uma história das práticas e das condutas do passado. Ao remeter a uma realidade oculta, subjacente ou simbólica, uma vez que “[...]o objeto da história é bem este sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica e nomeadamente da sua maneira de reagir perante o seu passado”(LE GOFF, 1990, p. 51).

Nesse sentido, apesar do imaginário está presente em diversos tipos de fontes históricas, sendo mister entender que no imaginário existe imagem, em que “A finalidade do estudo alargou-se à compreensão do funcionamento da imagem na cultura e na sociedade”(LE GOFF, 1994, p. 15). A imagem constitui-se assim como um importante elemento para a compreensão e problematização dos fenômenos sociais. Por este motivo, buscou-se neste trabalho, comparar as imagens de distintos momentos históricos da cidade de Natal, com o objetivo de vislumbrar as dinâmicas urbanas processadas no âmbito do bairro da Ribeira.

A emergência da Nova História Cultural, ao final do século XX, fomentou uma nova abordagem para as pesquisas voltadas para as cidades e o fenômeno urbano. Assim, a cidade passa a ser considerada não apenas como um lugar onde tudo acontece, mas, enquanto um objeto de reflexão, um problema, que pode ser estudado a partir das representações sociais do imaginário que produz e que se traduzem em práticas sociais, do presente e do passado.

De modo que, quando se pensa, se imagina a cidade, esbarra-se com os milhares de sujeitos que a praticam, ao mesmo tempo em que a tornam física e imaginária a partir de seus usos. De acordo Certeau “[...] o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (2003, p. 202). Desta maneira, a estrutura física do espaço urbano, nada mais é do que a materialização das práticas individuais e ao mesmo tempo, coletivas. É relevante entender que existe na cidade duas modalidades de prática, sendo: um modo coletivo de gestão dos espaços e um modo individual de reapropriação dos mesmos.

A cidade se constitui, a partir de suas práticas e representações, como um importante objeto de estudo do imaginário, uma vez que ela comporta o tempo, o espaço e a sociedade. A cidade imagina a si mesma, através da sua própria dinâmica construtora de ritos, lendas de fundação, reconhecimento do Patrimônio, etc. É esta cidade imaginada, que circunda diversas categorias da experiência humana, que interessa a pesquisa que aqui será desenvolvida.

## **DINÂMICAS OCORRIDAS NO BAIRRO DA RIBEIRA**

O Brasil teve seu espaço marcado por diversos momentos históricos, ora citamos o período colonial, o republicano e a emergência da cidade capitalista. Estes momentos são dotados de características sociais, simbólicas e urbanas bem distintas. Ao trabalhar as cidades do Rio Grande do Norte, o Prof. Dr. Rubenilson Teixeira (2009) afirma que inicialmente a cidade é um reflexo das práticas religiosas, onde o poder da igreja influencia diretamente a forma urbana e as práticas sociais. O autor classificou as cidades desse período como sendo “Cidade de Deus”. Contudo, conforme observado por Teixeira, a “Cidade dos Homens” se impõe à antiga Cidade de Deus.

A Cidade dos Homens caracteriza-se por estar imbuída de signos que enaltecem os ideais republicanos de progresso e seus personagens. Neste contexto<sup>3</sup>, o bairro da Ribeira emerge como centro urbano da cidade e como principal beneficiado no processo de modernização urbana. O centro figura como um espaço voltado para a interação social e para o comércio. De acordo com Castells, “as características ecológicas deste centro são: concentração das atividades destinadas a favorecer a comunicação, acessibilidade com referência ao conjunto da zona urbana da qual assume a centralidade, divisão interior dos espaços centrais” (CASTELLS, 2006, p. 312). O autor afirma que o centro urbano é o núcleo integrador da sociedade, sendo este essencialmente funcional.

O entendimento de centro urbano é essencial para a compreensão do que ocorreu no bairro da Ribeira. Este, em contraponto<sup>4</sup> ao desenvolvimento de outras cidades brasileiras, não foi o primeiro bairro da Cidade de Natal, mas sim o segundo. No entanto, o bairro da Ribeira aos poucos assumiu a função de centro urbano, principalmente pela acessibilidade, haja vista que se encontrava no meio do caminho entre o porto e o núcleo inicial da capital, o bairro de Cidade Alta. Sendo assim, era um espaço fecundo para as atividades comerciais e sociais da então pequena Cidade de Natal. No início do século XX, o bairro da Ribeira vivenciou um intenso processo de modernização do seu espaço e de suas funções enquanto centro urbano, nas palavras de Celso da Silveira, assim se apresenta:

A velha Ribeira de palafita, antigo alagadiço onde havia uma olaria, um plantio de canas e bananeiras, abrigou, depois de transformada em caminho de Xarias que demandavam à Cidade Alta dos Canguleiros, uma praça com uma pontezinha de madeira – passadiço de acesso aos dois lados da “urbs”, indo e voltando. Lá surgiram a casa de Dona Inês Barreto, teatro, grupo escolar, estação da estrada de ferro e a Escola Doméstica. Antes era a campina da Ribeira – salgado – um sítio onde viveu o poeta João Gotardo Netto [...]. Essa velha Ribeira desenvolveu-se sobre mangues. Viu erguerem-se as casas, os prédios públicos, hotel, palácio, jornal, banco, comércio (SILVEIRA, 1989, p. 12).

---

<sup>3</sup> No final do século XIX e início do século XX.

<sup>4</sup> Geralmente, o bairro de origem da cidade é o que se configura como centro urbano.

Neste processo, foi de vital importância a presença do Porto e da Estação Ferroviária. Esses equipamentos influenciaram significativamente no desenvolvimento da atividade comercial no espaço e consolidaram o bairro da Ribeira como porta de entrada da capital potiguar. O bairro abrigou os melhores estabelecimentos da cidade, se tornando o Centro, onde concentrava-se o comércio e a vida social da cidade. Com o decurso do tempo, a cidade do Natal mais uma vez se transforma. O desenvolvimento do sistema de produção capitalista e sua influência no meio urbano passam a configurar a pacata cidade em uma “Cidade do Capital”. Na Cidade do Capital, segundo Lefebvre:

A reprodução das relações de produção implica tanto a extensão quanto a ampliação do modo de produção capitalista e de sua base material. Por um lado, portanto, o capitalismo se estendeu ao mundo inteiro, subordinando a si, como Marx havia concebido as forças produtivas antecedentes e transformando-as para seu uso. Por outro lado, o capitalismo constituiu novos setores de produção e conseqüentemente de exploração e de dominação; entre esses setores, citamos: o lazer, a vida quotidiana, o conhecimento e a arte, a urbanização enfim (LEFEBVRE, 1999, P. 176).

Seguindo este pressuposto, a cidade vivenciou significativas alterações sociais, e, por conseguinte espaciais, que se incorporaram à paisagem e aos costumes, redefinindo os rumos do crescimento urbano. Observou-se que, no período que compreende os anos de 1940-1950, a fisionomia da capital modificou-se profundamente, devido, mormente à elevada demanda populacional advinda dos sertões, das forças armadas nacionais e norte-americanas. Neste momento, o crescimento urbano foi inevitável, assim como o desenvolvimento das atividades econômicas e sociais. A crise dos meios de transporte tradicionais, representados pelo Porto e pela ferrovia, aliada a outras transformações, gerou um desequilíbrio espacial na pequena cidade que estava em plena expansão.

Considerando que o próprio sistema capitalista exige a formação de novos “centros”, uma vez que estes possibilitam uma maior acumulação de capital, e, conseqüentemente, oferecerem o fomento necessário para o crescimento da urbe. Com a expansão da Cidade de Natal desenvolveram-se vários “minicentros”; este desenvolvimento resulta da atividade social nele existente e da estratificação dos espaços,

gerando núcleos homogêneos e atividades comerciais para atender a essa demanda. Sobre esses “minicentros”, Castells afirma que “a perda da relação direta com o centro e o desaparecimento dos bairros, com seus serviços locais na região urbana, conduzem ao mesmo tempo à organização de centros comerciais ligados às zonas de nova urbanização” (CASTELLS, 2006, p. 321). Entretanto, o desenvolvimento dos novos bairros e a especialização de suas práticas culminou na rápida descentralização da Cidade de Natal e na desvalorização do “novo velho” bairro da Ribeira.

A partir das várias dinâmicas urbanas processadas na cidade do Natal, o bairro da Ribeira perdeu suas funções sociais e econômicas, o que culminou nos processos de segregação social e degradação do ambiente construído. A alteração das práticas contribuiu para que o bairro não mais figure como o centro urbano que fora outrora. Este processo se deu, de acordo com Barthes, devido à existência de “um conflito permanente entre as necessidades funcionais exigidas pela vida moderna, a ocupação obsoleta dos espaços e a carga semântica que lhe é comunicada pela história” (BARTHES, 1985, p. 183). Desta forma, tem início a crise espacial entre as esferas do significativo e da razão.

Entretanto, o bairro da Ribeira continua a existir e a ter significativa importância no contexto urbano, histórico e imagético da Cidade do Natal na atualidade. Os centros urbanos são ícones que contam a história das cidades, por esse motivo, além do seu valor econômico, enquanto solo urbano, eles também são detentores de um caráter simbólico.

Atualmente, no bairro da Ribeira ainda persistem os problemas comuns a áreas centrais degradadas, como: perda da função residencial; insegurança; subutilização da infraestrutura construída; prostituição; deterioração de edifícios de valor histórico; dentre outros. Estas formas antigas entraram em um processo de degradação pela alteração social de suas práticas, muitos desses símbolos de riqueza e poder do passado chegaram até nós transmutados pela ação do tempo. O bairro da Ribeira, centro urbano do início do século XX, simplesmente deixou de existir.

Eis uma ruptura na continuidade histórica da cidade, onde o antigo moderno deu lugar ao novo moderno, o bairro da Ribeira mingou, enquanto a cidade do Natal se expandiu para além de suas fronteiras. Para Le Goff: “Mais do que uma ruptura com o passado, 'novo' significa um esquecimento, uma ausência de passado” (LE GOFF, 1990, p. 153). E de fato o bairro da Ribeira permaneceu esquecido, ausente do desenvolvimento urbano sentido pela capital potiguar.

As edificações do passado, que sobreviveram à ação do tempo e da modernização do meio, vêm a se tornar ícones que nos remetem a outras épocas participando de uma construção imagética-discursiva do espaço. Este Patrimônio passa a existir como símbolo da ação histórica continuada, representando um objeto visual e palpável que nos transporta pela sua materialidade. Portanto, mesmo as ruínas abandonadas dos antigos colégios, casarões e comércios, atuam na construção imagética da continuidade histórica da cidade do Natal no tempo presente. Ao pesquisar a consolidação da ideia de Patrimônio na Inglaterra do século XIX, a historiadora Cristina Meneguello esclarece:

A ruína é, em si, um modo de conhecer o passado. A percepção das relíquias, aparentemente, é tornada mais simples pela clara diferença entre as ruínas e o mundo atual, entre seus materiais e modos de representação tão diversos e tão ambicionados pelos atuais. As ruínas habitam simultaneamente dois tempos, o ocorrido e o presente (MENEGUELLO, 2000, p. 92).

Destarte, as ruínas do bairro da Ribeira participam da reflexão, da percepção e da invenção do passado pela sociedade contemporânea, o que as tornam parte inexorável da cidade em sua continuidade histórica. Estes remanescentes transmitem suas histórias através da sua materialidade, bem como fomenta percepções desta materialidade produzidas pela sociedade, a exemplo das fotografias e dos discursos que os circundam de fatos e acontecimentos que marcaram/marcam efetivamente o meio ambiente físico, simbólico e imaginário da cidade. Entretanto, entender que estas formas do passado continuam a fazer parte das relações humanas no tempo presente é de suma importância para a realização desta pesquisa que tematiza a modernidade do passado e a ruína da cidade contemporânea.

Torna-se imperativo perceber o Patrimônio<sup>5</sup> não apenas como um simples fator ambiental ou estético, mas como a história e a cidade participam de um mesmo tempo, contínuo. Onde poderosas forças atuam através das dinâmicas sociais que transmutam as nossas cidades em palimpsestos. Conforme Cristina Meneguello “Apenas o exercício do passado reconhecido como construção pode, efetivamente, levar a uma definição complexa de patrimônio e devolver à história e ao trabalho com o passado a força motriz que ele não deixou de ter” (2000, p. 341). Mormente, buscar-se-á empreender uma possível leitura do imaginário do velho bairro da Ribeira, a partir do estudo das fotografias que o abordam no início dos séculos XX e XXI.

## **MODERNIDADE E RUÍNA NA FOTOGRAFIA**

Sobre análise fotográfica, Roland Barthes (1982) entende a fotografia não como a imagem real, mas, como a sua forma analógica perfeita, o que configura a fotografia como um código, um signo. Ao discutir o uso da fotografia enquanto fonte histórica, o fotógrafo e historiador Boris Kossoy afirma que “Este artefato é caracterizado e percebido, pois, pelo conjunto de materiais e técnicas que lhe configuram externamente enquanto objeto físico e, pela imagem que o individualiza, o objeto-imagem, partes de um todo indivisível que integram o documento enquanto tal” (2001, p. 47). Assim sendo, a análise fotográfica permite identificar as rupturas existentes no imaginário do bairro da Ribeira.

---

<sup>5</sup> O processo de proteção do patrimônio cultural nacional é regulado por leis e conduzido por intelectuais e profissionais que detém um grau de especialização em determinadas áreas do conhecimento. Em nível de Brasil, o Patrimônio adquire caráter preservacionista a partir da criação do SPHAN (atual IPHAN) em 30 de novembro 1937. No Rio Grande do Norte, a proteção do Patrimônio Artístico e Histórico é regulada através do Decreto de Lei nº. 8.111, de 21 de março de 1981, que regulamentou a Lei nº. 4.775, de 03 de outubro de 1978, que dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, e dá outras providências. Já na Lei nº. 5.191, de 16 de maio de 2000 que dispõe sobre a preservação e tombamento do patrimônio histórico, cultural e natural do Município do Natal, dentre outras leis. O tombamento do bairro da Ribeira foi definido provisoriamente por uma notificação divulgada no Diário Oficial nº 17 de 23 de julho de 2010. Contudo, somente em 18 de agosto de 2014 foi publicada, no Diário Oficial da União (DOU), a homologação da [Portaria nº 72](#), finalizando o processo.

Para a seleção dos edifícios que foram estudados na fotografia, foi utilizada a escolha feita pelo Projeto ReHabitat<sup>6</sup>. Este projeto tinha como objetivo incentivar o uso habitacional no bairro da Ribeira, a partir da revitalização dos prédios, foi idealizado pela SEMURB (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo) em parceria com a Caixa Econômica Federal e com o Governo Francês. O Projeto ReHabitat classificou cinco edifícios em caráter prioritário para a requalificação, são eles: Bila, Galhardo, Paris em Natal, Tavares de Lyra e Nova Aurora. Destes, apenas o edifício Galhardo não pôde ser estudado, devido ao fato de não ter sido encontrada nenhuma fotografia referente ao primeiro período.

Aqui serão contrapostas as fotografias dos referidos edifícios em dois tempos históricos distintos, que correspondem ao início do século XX e ao início do século XXI, o tempo de glória e o tempo do esquecimento, da modernidade e da ruína. Atualmente, fotografia tem prestado diversos serviços ao saber histórico e arquitetônico. Estes registros sempre serão um meio de conhecimento e difusão da realidade retratada, o que auferir a ela um caráter documental. A visualização destas fotografias, que abarcam tanto a modernidade quanto a ruína do bairro da Ribeira, levando em consideração que o conhecimento prévio fornece a compreensão conotativa por trás de cada registro, o que incentiva a realização de uma reflexão sobre as dinâmicas ocorridas no espaço físico e imaginário da cidade de Natal.

É relevante constatar que a intenção do fotógrafo na construção da obra está voltada para a percepção da problemática existente no espaço. Para o fotógrafo e historiador Boris Kossoy, “Cada imagem documenta um assunto singular num particular instante do tempo, e o registro deu-se unicamente em função de um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo, do contratante ou de ambos” (KOSSOY, 2001,

---

<sup>6</sup> Nas diretrizes desse projeto fica claro que: “Atualmente, o Sítio Histórico de Natal apresenta uma tendência ao declínio de suas estruturas sociais, econômicas, culturais, ambiente construído e outras. Os inúmeros imóveis desocupados ou subutilizados presumem um desequilíbrio urbano e, assim, a necessidade de elaboração de políticas de combate a esse desequilíbrio, considerando a reutilização de tais imóveis priorizando o uso habitacional” (Projeto ReHabitat, 2007, p. 12).

p. 80). Logo, afirmar que a iniciativa do fotógrafo em gerar um testemunho da riqueza do bairro em um período e do abandono em outro, consiste na necessidade de registrar um momento importante do contexto urbano da cidade de Natal.

- Edifício “Paris em Natal”

O edifício localiza-se onde fora um dos endereços mais nobres da capital potiguar nos anos de 1920, na Praça Augusto Severo, nº 250. Este edifício abrigou a elegante loja Paris em Natal, a loja fornecia aos seus *seletos* clientes as mais novas tendências da moda Europeia, já que era de costume da alta sociedade natalense desfilarem pelas ruas da Ribeira à moda parisiense. Ficava ao lado de outro de outro signo da modernidade que era o cinema, de nome Cine Polytheama. Na primeira fotografia é possível perceber o requinte da arquitetura da época, pautada em elementos ecléticos<sup>7</sup>, bem como os cidadãos passeando com trajes elegantes.



Figura 1- Edifício Paris em Natal. Fonte: Natal ontem e hoje / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2006, p. 22.

---

<sup>7</sup> O Eclétismo chegou ao Brasil através da influência cultural europeia. O eclétismo se constitui como um movimento arquitetônico que combinava características de períodos variados, haviam características da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica em uma mesma edificação, assim formando uma composição única, um conjunto de nova linguagem.



Figura 2- Edifício Paris em Natal. Fonte: Projeto ReHabitat / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.

Na figura de número dois é clara a descaracterização arquitetônica do prédio, que perdeu seus adornos, ganhou mais um pavimento e em nada se assemelha com o edifício da foto anterior, só é reconhecido pela numeração. Encontra-se subutilizado, nele funcionam uma lanchonete popular e um serviço de consultas espirituais, ligado a uma religião afro-brasileira. O que indica não apenas a transformação da forma, como também da função.

- Edifício “Tavares de Lira”

No Tavares de Lira funcionaram importantes empresas da cidade de Natal, poderíamos destacar: o Banco da Lavoura de Minas Gerais, as Lojas Brasileiras, o Banco Nacional, Agencia International, dentre outras. O prédio estende-se por todo um quarteirão, que compreende as ruas: Tavares de Lira, Chile e Frei Miguelinho. Na primeira fotografia, quando funcionava a Agencia International, está em destaque a fachada do prédio e no plano inferior outro signo da modernidade, o automóvel. Os veículos ficavam expostos com faixas que continham os nomes dos compradores, certamente, uma demonstração de poder aquisitivo e de hierarquia social.



Figura 3- Edifício Tavares de Lira. Fonte: arquivo pessoal da autora.



Figura 4- Edifício Tavares de Lira. Fonte: Projeto ReHabitat / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.

Na imagem do século XXI, o abandono do prédio é perceptível, o pavimento superior encontra-se inutilizado e em ruínas, apenas velhos carros cercam o local, sem destaque, sem faixas e sem glória. Em nada se assemelha com os tempos áureos do lugar. Ao período desta foto, que data de 2007, funcionava uma empresa de serviços destinados ao comércio pesqueiro. Atualmente, o andar térreo foi parcialmente reformado e funciona um restaurante com preços populares.

- Edifício “Nova Aurora”

No edifício “Nova Aurora” funcionou um importante hotel de nível internacional e uma grande firma chamada Nova Aurora, daí a denominação do prédio.

A edificação está localizada na Rua Dr. Barata nº 241, esquina com a Travessa Aureliano. Na foto, do início do século XX, verifica-se a presença de um número considerável de pessoas, bem trajadas, em torno da edificação. O que remonta a intensa vida social e econômica vivida pelo bairro no passado. Apesar do destaque dado as formas requintadas do prédio, os passantes compõem harmoniosamente a paisagem moderna.

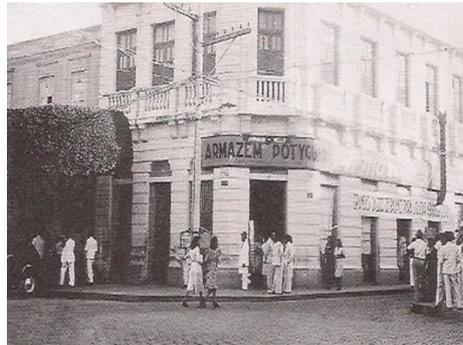


Figura 5- Edifício Nova Aurora no início do século XX. Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 6- Edifício Nova Aurora. Fonte: Projeto ReHabitatar / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.

Já na segunda imagem, vê-se o prédio praticamente em ruínas, o andar superior encontra-se desocupado e o térreo subutilizado. Hoje, funcionam apenas duas oficinas, uma de eletrônicos e a outra de serviços mecânicos. Este edifício também encontra-se bastante descaracterizado, em comparação com a primeira fotografia.

- Edifício Bila

O Bila é um edifício de características Art Déco, foi construído entre as décadas de 1940-1950, pelo empresário Severino Alves Bila, para o funcionamento de salas de

escritório. Na fotografia da Avenida Tavares de Lira, o edifício não encontra-se em destaque. Esta fotografia provavelmente remete à década de 1950, sendo pertencente à um momento posterior, com relação às demais fotografias do início do século XX. Conforme se pode perceber na imagem, o bairro ainda é bem movimentado.



Figura 7- Avenida Tavares de Lira, o Edifício Bila encontra-se ao lado do grande prédio da esquina.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 8- Edifício Bila. Fonte: Projeto ReHabitatar / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.

Na imagem contemporânea, exposta pelo projeto ReHabitatar, o prédio aparece parcialmente em ruínas e abandonado. Contudo, o Edifício Bila foi o único, dos cinco edifícios de caráter prioritário que foi efetivamente reformado nos sete anos de existência do projeto ReHabitatar. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Haroldo Maranhão e contou com o apoio decisivo da iniciativa privada para a sua execução. Nesse processo, a empresária Nalva Melo, teve um papel determinante para a consolidação do projeto.

O edifício conta hoje com 12 apartamentos nos pavimentos superiores e no térreo funcionam duas lojas de comércio (Nalva Café e Salão e um restaurante popular).

É evidente, nas fotografias acima relacionadas, que as práticas hoje realizadas nos edifícios selecionados sofreram profundas alterações com relação à forma e à função original. Os espaços que no início do século XX eram utilizados pela elite local, passaram a ser praticados por uma classe social inferior, o que gerou a degradação dos edifícios, a sua subutilização, ou, o seu total abandono.

Rolland Barthes afirmou que “as fotografias de paisagens (urbanas ou campestres) devem ser habitáveis, e não visitáveis” (1884, p. 64). Para o autor esse desejo de habitação é algo que chama a atenção do *Spectator* para além de sua consciência, mas é o modo positivo de perceber a paisagem. “Diante dessas paisagens de predileção, tudo se passa como se *eu estivesse certo* de aí ter estado ou de aí dever ir” (BARTHES, 1984, p. 65). É essa percepção que difere da encontrada nas fotografias que retratam o bairro da Ribeira no século XXI, elas possuem algo inquietante, que nos transporta a uma materialidade em ruínas, que não desejamos habitar.

Estas imagens possuem um *punctum*, que segundo Barthes “O *punctum* de uma foto é este acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (1984, p. 46). Algo que vai além do reconhecimento do *Studium*, “que é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo” (1984, p. 48). Nesse sentido, a análise destas fotografias contribui para a percepção do imaginário urbano, onde a imagem do tempo presente fere pelo descaso com a modernidade do passado, enquanto ambos participam da construção simbólica da cidade edificada.

A cidade é ao mesmo tempo um processo de produção e uma forma de apropriação do espaço produzido. Ou seja, é condição e meio para que hajam as relações sociais, que resultam nas apropriações e os padrões de uso. Com o desenvolvimento do sistema capitalista, o espaço passa a ser considerado como “mercadoria” produzida pelos agenciamentos sociais, que lhes agregam valor devido ao uso.

[...] o espaço é um sistema de valores, que se transforma rapidamente. O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, num dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem (SANTOS, 1993, p. 83).

O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar da cidade, a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja a de produzir, consumir, habitar ou viver. O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si não é meramente o de ocupar uma parcela do espaço; ele envolve o ato de produzir o lugar.

A forma de ocupação do bairro da Ribeira foi realizada de forma divergente em diferentes recortes temporais. O uso desse espaço é orientado pelo mercado, que assume o papel de fundamental mediador das relações que se estabelecem na sociedade capitalista. As funções do espaço só podem ser compreendidas através do contexto urbano de cada época específica, sendo assim o bairro da Ribeira foi sendo descaracterizado a partir de modificações importantes realizadas nos contextos social, econômico e espacial de toda a cidade do Natal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo seu caráter testemunhal, a fotografia atualmente tem prestado diversos serviços ao saber histórico, estes registros sempre serão um meio de conhecimento e difusão da realidade retratada. A partir da análise fotográfica, vislumbrou-se demonstrar as dinâmicas processadas no espaço, bem como alertar sobre o descaso com o Patrimônio Histórico natalense. Algumas imagens são vistas com saudosismo, enquanto outras, com inquietação e questionamento. Afinal, a capital potiguar é uma cidade com mais de 400 anos, contudo, em seu espaço, poucos são os remanescentes construídos que remontam ao seu passado.

Ao estudar o bairro da Ribeira, em sua ascensão no início do século XX, o historiador tem acesso a diversas fotografias que retratam gloriosamente a modernidade do espaço e as requintadas relações sociais. As belezas arquitetônicas, da então pequena cidade de Natal, destacam-se nas imagens onde se pode claramente observar o desejo de congelamento da paisagem perfeita, o desejo de seu registro. Contudo, um século mais tarde, a realidade urbana se transforma, assim como o impulso que leva o fotógrafo a realizar seu registro, a partir de sua percepção da paisagem. O foco que outrora foi à modernidade, hoje é a ruína.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. A Mensagem Fotográfica. In: **O Óbvio e o Obtuso**: ensaios críticos III. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I. Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- CORDEIRO, Anna Gabriella de Souza. **A representação do velho bairro da Ribeira no século XXI**: um estudo sobre o desejo de conservar o Patrimônio Histórico na cidade de Natal-RN. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 8, n. 1 [12], p. 121-136, dez. 2016. ISSN 1982-0569. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642611>>. Acesso em: 21 dez. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/urbana.v8i1.12.8642611>.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

- \_\_\_\_\_. **Para um novo conceito de Idade Média.** Lisboa: Estampa, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Heróis e Maravilhas da Idade Média.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- LEFEBVRE, Henry. **A cidade do capital.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MENEGUELLO, Cristina. **Da ruína ao edifício: Neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana.** Tese de Doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 2000.
- PATLAGEAN, Evelyne. **A história do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques (org). A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Projeto ReHabitatar/Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SILVEIRA, Celso da. **Introdução In: GARCIA, José Alexandre. Acontecimentos e tipos da Confeitaria Delícia.** Natal: Clima, 1989.
- TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana.** Natal: EDUFRN, 2009.